

O Anarquismo e o Filme Sacco e Vanzetti

Nicole Kollross

Universidade Federal do Paraná

Índice

1 Introdução	1
2 Desenvolvimento	2
3 Conclusão	6
4 Bibliografia	7

1 Introdução

O anarquismo, cuja denominação tem origem no termo grego *ánarkhos* (ou seja, “sem governo”) influenciou diversos movimentos sociais durante os séculos 19 e 20, dentre os quais no Brasil o principal exemplo foi a Colônia Cecília, fundada em 1890 por imigrantes italianos no estado do Paraná. Entendido por Leuenroth (1963, p. 3) como sendo um “método de ação direta na luta destinada a acabar com o domínio do capitalismo e do Estado, para a implantação do regime libertário”, o anarquismo defende o total extermínio de qualquer forma de autoridade que possa limitar a liberdade individual dentro da sociedade. Para tanto, o indivíduo deve possuir uma liberdade irrestrita, a qual proporcionará a este um desenvolvimento (físico, emocional, mental e espiritual) inerentemente excepcional.

Os indivíduos possuíam tal liberdade, segundo os anarquistas, antes do advento da sociedade (e suas conseqüentes coerções) e deverão voltar a possuir com o pleno desenvolvimento desta (ou seja, com o final de quaisquer formas de coerção). Ou como dito por Rousseau (1999, p. 217-218), o indivíduo, “de livre e independente que era antes, passou a estar, em virtude de uma profusão de novas necessidades, por assim dizer sujeito a toda a natureza, sobretudo aos seus semelhantes, de que num sentido se torna escravo”.

Ou seja, tais necessidades que tornam os indivíduos dependentes entre si (e implicitamente, expostos) não existiam, segundo o anarquismo, neste período anterior a qualquer forma de relação interpessoal estruturada e permanente o suficiente para demandar o uso da linguagem (no qual o indivíduo estava em seu auge, com todas as suas potencialidades físicas e de sobrevivência plenamente desenvolvidas). Logo, quanto maior a interdependência individual dentro da sociedade, mais os indivíduos estão distantes de sua condição natural. De certa maneira, quanto mais socialmente integrado, mais debilitado o indivíduo se torna. Como dito por Rousseau (1999, p. 165), sendo o corpo

o único instrumento conhecido pelo homem selvagem, ele o em-

prega em diversos usos, dos quais, por falta de exercícios, os nossos são incapazes, e é nossa indústria que nos tira a força e a agilidade que a necessidade o obriga a adquirir. Se ele tivesse um machado, seu punho romperia galhos tão fortes? Se tivesse uma funda, lançaria com a mão uma pedra com tanta firmeza? Se tivesse uma escada, treparia numa árvore com tanta ligeireza? Se tivesse um cavalo, seria tão veloz na corrida? Daí o homem civilizado o tempo de reunir todas essas máquinas à sua volta, não se pode duvidar que supere facilmente o homem selvagem; mas, se quiserdes ver um combate mais desigual ainda, colocai-os nus e desarmados um defronte do outro, e logo reconheceréis qual é a vantagem de ter sempre todas as suas forças à disposição, de estar sempre pronto para qualquer acontecimento e de estar, por assim dizer, sempre inteiro consigo mesmo.

Interessante observar que, atualmente, com o desenvolvimento tecnológico e de um mercado totalmente globalizado, nunca antes os indivíduos estiveram tão dependentes entre si, expostos à situações e decisões completamente fora de seu domínio. Mesmo a relação do próprio indivíduo com a tecnologia ao seu redor nunca foi tão frágil, pois, sendo esta extremamente complexa e plural, é impossível a este possuir todo o conhecimento ou material necessários para sua total segurança de ilimitado uso.

Ou seja, através de sua completa imer-

são na sociedade atual o indivíduo se encontra bastante distante do ideal proposto pelo anarquismo, segundo o qual este expressa seus melhores atributos (os quais são entendidos como inerentes à sua própria existência) quando se encontra em sua condição mais primária. Enquanto tais melhores atributos se traduzem: para Rousseau (1992, p. 192) em piedade, a qual é “um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a atividade do amor em si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie”; para Leuenroth (1963, p. 208) se traduzem em “liberdade, responsabilidade e autodisciplina [que] caracterizam a formação da personalidade humana de acordo com os conceitos fundamentais”.

2 Desenvolvimento

Independente de como sejam traduzidos tais melhores atributos, são eles tanto a base inicial quanto o objetivo final do anarquismo. A base inicial porque, sendo todo o indivíduo inerentemente possuidor dos melhores atributos, basta este estar em liberdade para se descobrir superior a si (portanto, buscase a liberdade individual acima de tudo). E o objetivo final porque os anarquistas buscam para si tais atributos entendidos como inerentemente seus, para que através do exemplo, possam converter novos indivíduos. Como defendem a liberdade acima de tudo, não existe outro meio a não ser o exemplo individual para a propagação do anarquismo.

Este exemplo individual se encontra, além de nas relações interpessoais, na mídia, a qual é amplamente utilizada para a propagação do anarquismo (através da exposição

de personagens que personificam os ideais anarquistas). Procurando a conversão da sociedade através da comoção pelo ato individual exemplar, são utilizados desde meios impressos como jornais, revistas e livros até os meios audiovisuais, como filmes e sítios virtuais. Como por exemplo, pode ser citado o filme italiano de 1971, *Sacco e Vanzetti* (dirigido por Giuliano Montaldo).

Dirigido por Giuliano Montaldo, o filme retrata o longo processo judicial que levou à execução dos imigrantes italianos Bartolomeu Vanzetti e Nicola Sacco, em território estadunidense. Com duração de 31 de maio de 1921 a 22 de agosto 1927, os imigrantes tornaram-se, através de sua morte, verdadeiros mártires da classe trabalhadora. Tendo por juiz Webster Thayer, fica clara a parcialidade deste durante todo julgamento, que contou com o total de 158 testemunhas, sendo 59 de acusação e 99 de defesa. Como dito pelo próprio Vanzetti, numa fala do filme, “se fossemos assassinos, estaria indo bem, mas somos anarquistas e, portanto, não é assim”.

Os protagonistas se conheceram em círculos anarquistas, os quais passaram a frequentar pela indignação pelo tratamento desumano destinado aos imigrantes em território estadunidense. Sacco e Vanzetti logo se engajaram em atividades antimilitaristas (chegando mesmo ao exílio no México para fugir do alistamento obrigatório da Primeira Guerra Mundial). Obviamente, a acusação se utilizou exaustivamente de tal fato, pelo qual estaria comprovado o “pouco amor que tinham pela nação”.

Acusados de roubo e assassinato, as únicas provas reais que puderam ser usadas pela acusação foram suas práticas entendidas como subversivas (o anarquismo e a con-

seqüente fuga do alistamento obrigatório na Primeira Guerra Mundial), pois nunca foi de fato confirmado que as armas e balas que estavam em posse de Sacco na hora de prisão (pois este era segurança, enquanto Vanzetti era pescador) são de fato as mesmas utilizadas no crime.

Como foi retratado no filme, durante uma festa que ocorreu durante o julgamento, na qual um dos convidados diz, ao falar do caso, que os imigrantes italianos estavam “tendo um processo regular, e que até pouco tempo atrás dois anarquistas como Sacco e Vanzetti teriam sido [simplesmente] deportados”. Ou seja, em outra conjuntura na qual o julgamento fosse de fato imparcial, a cadeira elétrica teria dado lugar à deportação. Isto é, mesmo a defesa chegou a dizer que “querem chegar a uma condenação exemplar, uma condenação política”.

Este era de fato o sentido de todo o julgamento, de forma tão explícita que até mesmo a opinião pública se mobilizou, chegando o Papa Pio IX enviar um apelo a Washington, no qual defendia (já no final do julgamento) que “qualquer que seja a situação jurídica dos dois condenados, os sete anos de sofrimento pelo qual passaram são suficiente para lhes conceder o perdão”. Principalmente a classe trabalhadora, independente da ideologia seguida, lutava contra a execução de Sacco e Vanzetti, através de greves e manifestações em frente das embaixadas estadunidenses de diversos países. No dia da execução, chegou a 250 mil os que pediam clemência aos imigrantes italianos, em frente ao Palácio do Governador.

Além do julgamento e de suas repercussões em âmbito mundial, o filme busca retratar especialmente o anarquismo, através de sua personificação em Sacco e Vanzetti.

Apesar de todo o sofrimento, em nenhum momento os dois o renegam o anarquismo, chegando inclusive a o promover durante sua defesa (exemplificação prática do anarquista ideal). Quando Vanzetti, ao ser inquirido durante o julgamento sobre o que é, de fato, ser anarquista, este responde que “os anarquistas acreditam em um mundo sem fronteiras [sendo que] anarquia é liberdade, abolição da sociedade dividida por classes, respeito pelos outros”. Ideais pelos quais os dois buscaram viver e, no final, morrer. Interessante observar que, se por um lado (o da acusação) o fato de serem anarquistas era expressão irrefutável de culpa, por outro lado (o dos acusados) o exato mesmo fato era expressão irrefutável de inocência.

Tal discrepância sobre o que de fato é o anarquismo foi, inclusive, levantada pela própria acusação durante o julgamento no filme, a qual inquire que “assim, o senhor distribui folhetos anarquistas, mas nada sabe de bombas; é só amor pelo próximo, mas anda armado; ama este país, mas tendo de servi-lo, foge para o México”. Em discurso que causou grande comoção, Sacco defende-se a respeito das acusações de roubo e assassinato:

O senhor fala de dólares e centavos. Imagine, falaria de milhões de dólares se falasse de um dos chefes da indústria e das finanças que dão dinheiro às universidades, e todos dizem: “que grande homem este!”. Mas eu vivo e trabalho a treze anos neste país livre, como me disseram que era. Tenho trabalhado como um cão, mas nunca tive a satisfação de ter conquistado nada, nem um dólar

falso! Aqui todos têm passaporte, passaporte... Mas eu fui ao consulado para obter uma passagem de volta, para poder ser repatriado, porque não tinha nem o dinheiro para a viagem. E depois de treze anos, voltaria para a minha terra sem nada. Como quando parti. Foi por isso que me tornei anarquista. Quero que todos vivam bem, e que nossos filhos tenham boa instrução, um ponto de partida. Brancos, pretos, não importa, todos os que trabalham. E não quero que esses de classe capitalista, que só sabem acumular dinheiro nos bancos e por tudo e por nada mandam os jovens para a guerra! Nós não queremos isso! Não aceitamos. Não aceitamos a guerra. E que direito temos, de nos matarmos uns aos outros? Trabalhei com camaradas alemãs, que me trataram como irmão. Por que deveria matá-los?

Ou seja, Sacco passou a frequentar os círculos anarquistas não apenas por identificar-se com os ideais do anarquismo, mas principalmente por não encontrar outra alternativa além de tentar torná-los reais. Este é, aliás, o primeiro dos dois motivos principais pelo qual o anarquismo não se arraigou de forma plena dentro da sociedade. Sendo os indivíduos livres para escolher (já que o anarquismo é essencialmente contra quaisquer formas de coerção) a grande maioria, tendo alternativa, não se tornará anarquista.

Ao contrário do defendido por Leuenroth (1963, p. 24) em que “livres de escolher, todos aqueles que amam a liberdade e re-

speitam os seus semelhantes, não hesitariam em escolher a anarquia”, sempre que existirem alternativas (as quais sempre serão fornecidas pela sociedade, como forma de auto-conservação) a grande maioria não se tornará anarquista. Pois, no lugar de buscar o fim de toda a forma exploração, os indivíduos buscam simplesmente o fim de sua própria exploração, para propiciar melhores condições a si e aos seus entes próximos (sempre em detrimento de outros). Tal busca ocorre não por coerção social, mas porque é impossível ao indivíduo ser naturalmente exemplar, de acordo com os parâmetros anarquistas.

O anarquismo, de acordo com Leuenroth (1963, p. 214) defende que o indivíduo é “em parte produto do meio [o qual deve ser] adequado ao desenvolvimento da personalidade humana, criando um ambiente social em que não haja motivos para o crime de nenhuma espécie”. Isto é, não deve frustrar nenhum possível desejo individual ou criar barreiras, as quais, por terem que ser ultrapassadas, removeriam o indivíduo de sua condição natural. No entanto, independente da sociedade que se trate (ou mesmo existindo a possibilidade de não existir, de fato, nenhuma forma de sociedade instituída) sempre haverá desejos frustrados ou barreiras intransponíveis.

Pois mesmo que os indivíduos fossem, de fato, completamente independentes entre si materialmente, e só se relacionassem a fim de propagação da espécie, mesmo nestas então raras ocasiões de convívio, ainda assim os indivíduos não atenderiam plenamente uns às expectativas dos outros (por menores que fossem estas). Sendo, nesse contexto anarquista ideal, todos os indivíduos completamente livres, estes o são também um em

relação ao desejo do outro. Pois, como obviamente todos os desejos não seriam idênticos, existiriam obstáculos que trariam frustração aos desejos individuais e, conseqüentemente, crimes. Se o anarquismo se baseia, como dito por Leuenroth (1963, p. 41) “nos instintos naturais do homem, pois neles residem as essências das melhores qualidades sociais de convivência e de conduta”, estas, em sua condição mais natural, não estariam presentes.

Isto é, se segundo Rousseau (1999, p. 194) “seria bom examinar se essas desordens [ou seja, os crimes ocasionados por desejos individuais frustrados] não nasceram com as próprias leis, porque então, ainda que estas fossem capazes de reprimi-las, o menos que se deveria exigir é que detivesse um mal que não existiria sem elas”, dever-se-ia na realidade considerar a diferença entre uma ocorrência ser ou não classificada. Pois, voltando ao contexto anarquista ideal, em que os indivíduos só se relacionariam entre si a fim de propagação da espécie, qualquer forma de ação simplesmente não seria classificada de maneira alguma, nem como positiva ou negativa (mesmo que esta ação ainda cause conseqüências, boas ou ruins, tanto a quem praticou quanto a quem a sofreu).

Claro que, com o advento da sociedade (segundo parâmetros anarquistas) e da linguagem, e o conseqüente surgimento da dependência e da exposição mútua entre os indivíduos, surgiriam classificações positivas e negativas de suas ações. Tais classificações, no lugar de fazer surgir ações que provocassem bem ou mal, simplesmente as explicitaram diante de todos, com o intuito de prevê-las e/ou controlá-las. Estas já existiriam dentro de um contexto anarquista ideal, porém é somente a partir da vida

em sociedade que suas conseqüências seriam sentidas não mais individualmente, mas coletivamente.

Ou seja, se um indivíduo explora outro indivíduo, fora de um contexto social (o que seria possível, através de infrações eventuais, ou seja, ações esporádicas que provocassem bem a quem as praticasse e mal a quem as sofresse), os envolvidos acabariam por tratar de tal situação de forma direta e imediata. As conseqüências, que iriam desde cada um simplesmente seguir seu caminho, até a morte, atingiriam apenas os envolvidos. Tal situação de exploração teria início e fim em um único e rápido relacionamento interpessoal. Ao contrário, dentro de um contexto social, as conseqüências de tal exploração acabariam por atingir (de forma direta e indireta, em benefício ou malefício) toda a sociedade, e acabaria por ser tanto defendida como combatida, de acordo com o bem ou mal que traria aos indivíduos.

3 Conclusão

O anarquismo, na sua defesa pelo extermínio de qualquer forma de regularização e dominação, teve significativa influência em diversos movimentos sociais, pregando principalmente a luta contra o sistema capitalista e de Estado. Baseando toda sua argumentação na noção de uma sociedade que corrompe o indivíduo, este é visto como um ser que, em sua condição inicial, era perfeito e indiscutivelmente superior ao indivíduo atual. Segundo Rousseau (1999, p. 149-150), o indivíduo foi alterado

no seio da sociedade por mil

causas incessantemente renascentes, pela aquisição de um grande número de conhecimentos e de erros, pelas mudanças ocorridas à constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, mudou, por assim dizer, de aparência a ponto de ficar quase irreconhecível; e, em vez de um ser que age sempre por princípios certos e invariáveis, em vez dessa celeste e majestosa simplicidades com que seu autor a marcara, não se encontra mais do que o disforme contraste da paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante.

Muito similar ao relato Bíblico da origem da humanidade, a partir do momento em que o indivíduo conheceu a definição do bem e o mal (isto é, utilizou a linguagem), passou a se relacionar (como Adão e Eva) e a depender de outros indivíduos, surgiu o crime (tal como o primeiro assassinato em Caim e Abel, que ocorre devido à dependência pela aprovação de Deus pela oferenda). Ou seja, o ideal anarquista é à volta ao jardim do paraíso, sendo os indivíduos naturalmente livres do pecado, em sua condição inicial.

Como quem levará a humanidade ao paraíso é o mártir, neste caso, quem levará a sociedade ao anarquismo são os próprios anarquistas. Em especial no filme anteriormente citado, Sacco e Vanzetti, os protagonistas em momento algum renegaram suas vivências anarquistas ou deixaram de defender os ideais do anarquismo, o que invariavelmente os levou à condenação e à execução de pena morte. Assumindo inteiramente tal auto-sacrifício em nome de

um ideal maior (o anarquismo), fica claro aos protagonistas que ambos estavam sendo acusados não por quaisquer crimes que pudessem ter cometido, mas sim por sua origem e orientação ideológica. Nas palavras de Vanzetti:

Estou sofrendo e pagando por crimes que cometi mesmo. Estou sofrendo e pagando porque sou anarquista! E eu sou anarquista! Porque sou italiano. Eu sou italiano. Mas estou tão convencido de estar certo, que se tivessem o poder de me matar duas vezes, e eu pudesse renascer duas vezes, voltaria a viver para fazer exatamente as coisas que fiz.

Mesmo diante de tal constatação, se mostra grato, pois, através disto, “deram um sentido à vida de dois pobres explorados”. Ou seja, incorpora o anarquista exemplar, que voluntariamente entrega a própria vida e morte ao anarquismo. Sendo que, quanto maior a luta, mais este se distancia de suas vivências anteriores (as quais não tinham propósito), e se torna superior ao resto da sociedade já corrupta (pois, ao se tornar anarquista, se aproxima cada vez mais da condição humana inicial e perfeita), o preço a ser pago se torna não mais tão alto.

Afinal, para se ter a absolvição de todos os indivíduos (ou seja, que estes alcancem a liberdade irrestrita e, com isto, a felicidade real) é necessário que, antes, estes sejam purificados pelo apocalipse (ou seja, o colapso e a erradicação total da sociedade). Com isto, o anarquista assume um duplo papel: tanto o de mártir que se auto-sacrifica em nome da divulgação do fim do mundo,

quanto o cavalheiro do apocalipse, que o promove.

4 Bibliografia

COLOMBO, Arrigo; MONTALDO, Giuliano; PAPI, Giorgio. *Sacco e Vanzetti*. [Filme-vídeo]. Produção de Arrigo Colombo e Giorgio Papi, direção de Giuliano Montaldo. Itália, Italoneggio Cinematografico, 1976. 1 cassete VHS, 119 min.

LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo: roteiro da libertação social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. 2^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.